

CRIANÇAS NA ESCOLA... E AGORA?

Silvia M. Gasparian Colello

CRIANÇAS NA ESCOLA... E AGORA?

Copyright © 2024 by autora

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Preparação de texto: **Carlos Silveira Mendes Rosa**

Revisão: **Mariana Marcoantonio e Janaína Marcoantonio**

Capa: **Delfin [Studio DelRey]**

Projeto gráfico: **Alberto Mateus [Crayon Editorial]**

Diagramação: **Spress**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Prefácio — <i>Valéria Amorim Arantes</i>	9
Introdução — Por que acompanhar a vida escolar?	13
1 Aprendizagem antes da escola... Como assim?	21
2 Para que brincar em casa e na escola?	29
3 Ensino domiciliar... Por que não? (Ou: porque não.)	39
4 Quando e por que entrar na educação infantil?	49
5 A dificuldade de escolher uma escola.	55
6 A escolha de uma escola (ou da melhor escola)	61
7 Como as posturas pedagógicas afetam as práticas escolares? .	71
8 Primeiros dias na escola: acolhimento ou adaptação?	81
9 Criança que vai para a escola fica mais doente?	89
10 Uma boa escola é escola boa para todos?	97
11 Inclusão escolar: o que é e como funciona?	101
12 Uma escola igual ou diferente da que tivemos?	109
13 Ensinar a ler e escrever numa escola sem cartilha	119
14 O milagre da geladeira alfabetizadora	129
15 Como as crianças aprendem a ler e escrever?	137
16 Lição de casa: sim ou não?	145
17 Indisciplina na escola: problema de quem?	151
18 <i>Bullying</i> : como acontece e o que pode ser feito?	155
19 Mais um ano letivo: o que dizer da volta às aulas?	161
20 O papel de pais e professores na vida escolar	165
Conclusão – O que aprendemos com a vida escolar das crianças?	177

Prefácio

O início da vida escolar da criança é marcado por muitas incertezas e um turbilhão de sentimentos vivenciados por todos os envolvidos, a começar pelo momento de ingresso na instituição. Afinal, é necessário estar na escola? Se sim, qual é a melhor idade para começar? Não seria mais salutar para o desenvolvimento infantil ampliar o período de cuidados oferecidos pela família, evitando doenças às quais as crianças estão mais expostas e mais vulneráveis nos primeiros anos de vida? Elas devem participar da escolha da escola em que estudarão? E quais critérios devem ser considerados nessa escolha?

Na escola ou fora dela, é preciso entender quais são os caminhos mais profícuos para a plena formação das crianças, que brincadeiras ou brinquedos devem ser oferecidos, quais devem ser evitados. O que não pode faltar? O que deve ser eliminado?

Ainda na esteira das incertezas, angústias e aflições daqueles que educam, emergem outras tantas questões. Como os profissionais escolares devem enfrentar as sequelas da pandemia? Que materiais são mais indicados na alfabetização? Quais são as inovações realmente necessárias e desejáveis nas escolas? Como articulá-las com a estrutura curricular da instituição? Em que medida as novas tecnologias e os jogos eletrônicos são ou não prejudiciais ao desenvolvimento e à aprendizagem das crianças? Como introduzi-los nas práticas escolares? De que maneira pais e responsáveis devem lidar com a lição de casa? E

como enfrentar a indisciplina, a violência, o *bullying*, o preconceito, entre tantos outros fenômenos que, além de obstáculos pedagógicos, caracterizam-se como entraves ao processo da democratização escolar brasileira?

Considerando a complexidade dessas indagações, a obra que ora lhes apresento, concebida para dialogar com pais e educadores, cumpre um papel de suma importância para melhorar o ensino e os processos educativos: aproximar escola e famílias, num movimento de absoluta transparência e responsabilidade. As reflexões aqui contidas emergem da iniciativa de criação de um espaço de escuta e de pesquisa sobre a vida de cada uma das crianças de 5 meses a 12 anos de idade. São vidas ímpares, com singularidades e idiosincrasias que saltam nos relatos dos pais e responsáveis que participaram dos 25 encontros *online* promovidos por Silvia Colello nos anos de 2022 e 2023. Uma iniciativa pela qual contextos de vida relacionados à escolaridade foram transformados em matéria-prima para fomentar o debate educacional e orientar pais, escolas e profissionais da educação para canalizar esforços que os conduzam à geração de uma escola de qualidade para todos.

Com o rigor científico, a profundidade teórica, a larga experiência pedagógica e o notável compromisso ético-político com a educação brasileira que a caracterizam, a autora transita pelos labirintos das narrativas analisadas e aqui compartilhadas, lançando nelas luzes acadêmicas e instilando coragem naqueles que todo dia enfrentam inúmeros obstáculos e desafios em busca de uma escola transformadora.

Num texto extremamente bem escrito e organizado, engendrado a partir de experiências únicas, Silvia entrelaça diferentes vozes, a experiência singular de uma pessoa e seus diversos significados, o mundo público e o mundo privado, complexos de sentimentos e pensamentos, as dimensões sociais e pessoais etc. Procura compreender a partilha da vida de uma criança pela

análise de elementos distintos que aparecem na construção do seu conhecimento e da sua vida escolar (e não escolar também). Com isso, nos brinda com um texto dotado de grande rigor conceitual e consistência teórica, além de muita paixão, excelência e ética, um texto cuja leitura flui e conforta. Seus interlocutores são todos aqueles comprometidos com o ato de educar.

Por fim, devo registrar meus sinceros agradecimentos a Sílvia. E devo fazê-lo por ao menos dois motivos. Primeiro, por ela tornar públicas ideias, experiências e reflexões tão relevantes para os atores da cena da educação; segundo, por eu ter tido a honra, o prazer e o privilégio de contar com seu alto nível de engajamento e sobretudo sua imensa generosidade, com a qual sempre, sem titubear, ofereceu-me um ombro amigo nas horas mais difíceis em que me encontrei em verdadeiras encruzilhadas, como mãe, pessoa e profissional da educação. Apressem-se para a leitura e agradeçam à autora!

VALÉRIA AMORIM ARANTES

Professora livre-docente da Faculdade de Educação
da Universidade de São Paulo e diretora do Núcleo de
Pesquisas em Novas Arquiteturas Pedagógicas (NAP/USP)

Introdução

Por que acompanhar a vida escolar?

Em qualquer família, a chegada de uma criança representa uma ruptura da situação existencial, já que, pelo simbólico corte do cordão umbilical, entra em cena alguém que necessariamente muda toda a dinâmica do ambiente doméstico. A família age e retroage na regência de novas rotinas, relações e sentimentos, associando amor e senso de proteção, realização e insegurança, sonhos e angústias. Diante da incrível experiência de se tornar mãe ou pai, ou de assumir os mesmos papéis como tutores, quem não se pergunta: “E agora?”

Todavia, ao contrário do que se possa imaginar, as dúvidas e os desassossegos dos primeiros dias de convivência — e sobretudo o medo do erro — vêm para ficar. Se é verdade que pais de primeira viagem sentem-se pouco preparados para assumir tamanha responsabilidade, é igualmente verdadeiro que a certeza de acertar hoje de nada vale para o amanhã — em especial na segunda e significativa ruptura, quando a criança sai pela primeira vez do seu âmbito de proteção. E isso começa na escola! Independentemente de quando ela chegue à creche, ao berçário, à educação infantil ou mesmo ao ensino fundamental, o significado desse rito de passagem é marcante

tanto pela condição de dependência da criança quanto pela certeza de que a escola é decisiva para a pessoa. Assim como no nascimento a separação entre a mãe e o bebê inaugura a vida biologicamente independente, o ingresso na escola sinaliza a possibilidade de emancipação pessoal cada vez mais autônoma e autogerida — ruptura que, do ponto de vista da família, precisa ser elaborada. Outra vez deparamos com a mesma pergunta: “E agora?”

No plano social, as preocupações dos familiares relativas ao início da vida escolar também se justificam em face de um mundo turbulento, muitas inovações, rápidas mudanças, novas formas de comunicação, aprendizagem e relacionamento interpessoal. Num universo em que a única certeza é a consciência de tantas incertezas, como ter o mínimo de segurança para lançar uma criança num mar de imprevistos? Como preparar o sujeito para um futuro desconhecido? E, não bastassem as preocupações com o amanhã, como lidar com as sequelas do mundo pós-pandemia?

Ainda que os pais já tenham vivido o rito de passagem do ingresso na escola, a experiência de acompanhar o primeiro filho pouco ajuda nos dilemas trazidos pelo segundo, pelo terceiro, pelo quarto... Vem daí a necessidade de se levarem em conta múltiplas variáveis e especificidades — situações conhecidas, mas nunca plenamente previsíveis; contextos típicos, mas necessariamente singulares.

A esse respeito, resta lembrar: como o ser humano não tem “receita”, nunca seremos pais ou mães em definitivo; nós nos tornamos pais e mães todos os dias, em cada situação, em cada ciclo de mudanças sociais, em cada passo da trajetória dos nossos filhos, em cada tomada de atitude, em cada decisão, em cada diálogo, em cada palavra, gesto ou olhar. Aprendemos a ser pais e mães dia após dia, em especial quando, apesar dos inevitáveis erros, assumimos o desejo de acertar.

Na vida escolar, as preocupações dos pais ou responsáveis, mais que compreensíveis, são saudáveis por funcionarem como importante princípio de participação na formação das crianças. Pais apreensivos são, em geral, comprometidos, cúmplices e parceiros nos processos de desenvolvimento, aprendizagem e socialização dos filhos. Trata-se de uma participação essencial para compor uma trajetória saudável e feliz, concretizada de maneiras variadas:

- apoio aos filhos com base no seu jeito de ser;
- sinergia com os propósitos da escola;
- colaboração com os professores;
- valorização do conhecimento;
- incentivo à construção de saberes;
- estímulo para a consolidação das aprendizagens;
- fortalecimento de valores e de posturas éticas;
- promoção do desenvolvimento, da socialização e da vida afetiva;
- construção de linhas de conduta e de atitudes coerentes.

Na *minha memória pessoal* e nas lembranças partilhadas com tantas pessoas, trago comigo situações nem sempre felizes, desafios estudantis supostamente intransponíveis, decepções e erros na vida escolar, episódios cujos ecos se perpetuaram além dos limites da formação básica. Que desperdício seriam todos esses casos se não gerassem reflexões para compartilhar!

Na *minha condição de mãe*, igualmente angustiada no acompanhamento da escolaridade dos meus dois filhos (sim, porque nem mesmo a profissão de educadora me exime das mesmas preocupações e dúvidas de tantas outras mães), sinto-me também instigada a reviver os desassossegos de todos nós para que, juntos, busquemos caminhos alternativos.

Na *minha condição de educadora*, parto do princípio de que a luta por um ensino de qualidade passa pelo diálogo com todos

aqueles que se responsabilizam pelas crianças e pela aproximação entre escolas e famílias.

Na *minha condição de pesquisadora* — os muitos anos de investigação sobre os segmentos iniciais da escola; a experiência construída com inúmeras entrevistas com pais, professores e alunos; os temas estudados e os tópicos analisados em produções acadêmicas —, tenho a convicção de que um referencial teórico qualifica o que, a princípio, aparece como simples caso pessoal, vivências informais ou contingências aleatórias. Desse ponto de vista, as considerações sobre a vida escolar podem motivar a revisão de princípios e até subsidiar atitudes.

De modo mais específico, a presente obra foi constituída como produto de um grupo de debates com famílias sobre a vida escolar de crianças de 5 meses a 12 anos — para os participantes, um espaço de troca de ideias, uma estratégia de apoio e de ponderação; para mim, um campo de pesquisa, uma oportunidade ímpar de ampliar o entendimento da vida escolar fora dos muros da escola e, quem sabe, de favorecer a tão necessária aproximação entre famílias e escolas.

Para cada tema abordado, busco a possibilidade de dar (novo) significado a contextos da vida relativos à escolaridade inicial dos filhos (expectativas, dilemas, ansiedades, dúvidas, inseguranças, sentimentos, frustrações, angústias, superações, conquistas...) e, por meio da reflexão, transformá-los em ricos repertórios de convivência.

Partindo dessa intenção e do princípio de que a parceria entre pais ou responsáveis e a escola é o melhor aval para lidar com os desafios educacionais, criou-se o “Grupo de Debates Crianças na Escola... E Agora?” Após o levantamento prévio de tópicos de interesse, os encontros ocorreram *online*, de junho de 2022 a junho de 2023, como grupos focais, isto é, uma associação de pessoas interessadas na tematização da escolaridade. Mediadas por mim, as sessões foram organizadas com a seguinte dinâmica:

- apresentação do tema e contextualização de uma problemática em pauta;
- evocação livre de ocorrências, ideias, dúvidas, sentimentos e opiniões do grupo;
- debates em torno dos principais pontos levantados;
- sistematização de princípios, variáveis e considerações pertinentes ao tema.

Nos 25 encontros, com participação regular de aproximadamente 38 adultos¹ — representantes de 55 crianças de berçários, escolas de educação infantil e de ensino fundamental, públicas e privadas —, ficamos algumas certezas:

- 1 a amplitude e a complexidade dos objetos de estudo e debates — a referida angústia, marcada pela pluralidade de temas, situações, ocorrências, sentimentos e questionamentos;
- 2 a possibilidade de refletir, aprender e tomar posição com base no compartilhamento de experiências e na sistematização de dados;
- 3 a relevância de se levarem em conta os pontos de vista de pais e responsáveis pelos alunos para melhor apoiar a vida estudantil.

Partindo dessa rica experiência, este livro pretende registrar os debates sobre os temas abordados pelo grupo. Procuro recuperar os interesses comuns que podem fazer sentido para muitas outras famílias, seja pela premência de decisões (como os capítulos sobre a escolha da escola ou sobre o *bullying*), seja pelo surgimento de dúvidas frequentes (por exemplo, sobre o papel

1. Embora tenhamos mantido fidelidade aos relatos e às opiniões dos participantes do “Grupo de Debates Crianças na Escola... E Agora?”, usamos nomes fictícios para identificá-los e para identificar seus filhos, enteados ou netos.

da brincadeira no aprendizado ou a lição de casa) ou, ainda, pela atualidade do tema (como nas considerações a respeito do ensino domiciliar ou *homeschooling*).

Em cada capítulo, a iniciativa de organizar ideias e diretrizes é um esforço de análise que, mesmo sem a pretensão de exaurir a complexidade dos temas, a riqueza dos debates e a diversidade de posturas, justifica-se pelo potencial de disparar novas reflexões. Para fomentar essa possibilidade, deixei a indicação de materiais complementares no final de cada capítulo.

Dado o grau de interesse do grupo de familiares e a amplitude dos debates travados, alguns temas previstos geraram outros questionamentos, incorporados aos capítulos com breves considerações (“Para ir além”). Por sua vez, a evocação de assuntos mais específicos pediu a palavra de especialistas (como nas entrevistas sobre saúde, no capítulo 9, e sobre inclusão na escola, no capítulo 11), profissionais a quem agradeço a preciosa contribuição.

Ao considerar a diversidade dos participantes do grupo de origem e, ainda, do público potencial ao qual este livro se destina, identifico o perfil dos possíveis leitores: todos aqueles que se comprometem com a vida escolar das crianças. A conversa proposta a mães e pais certamente se estende a madrastas e padrastos, avós, tios e até cuidadores preocupados com o bem-estar dos pequenos. Estende-se também a professores e educadores que, no cotidiano da sua profissão, assumem o compromisso de dialogar com as famílias, partilhando os desafios da formação humana. Assim, nas páginas que se seguem, independentemente dos termos empregados — “mãe”, “pai”, “família”, “professora”, “professor” —, considerem esta obra uma convocação inclusiva a todos os que de algum modo pretendem fazer diferença no acompanhamento da vida escolar de crianças.

Na tentativa de substituir angústias (ou, no mínimo, desassossegos) por reflexões, dúvidas por critérios de posicionamen-

to e divergência de ideias por aproximação dialógica entre os envolvidos, recuperamos aqui os mesmos objetivos do “Grupo de Debates Crianças na Escola... E Agora?”:

- acolher as dúvidas e inquietações legítimas inerentes à condição de educar;
- promover subsídios teóricos e práticos para ampliar os olhares sobre a vida estudantil;
- situar dilemas e problemáticas que, embora muito frequentes, acabam sendo únicos em cada caso;
- propiciar o acompanhamento e a parceria entre a família e a escola;
- apresentar princípios, alternativas e linhas de conduta capazes de subsidiar a adoção de atitudes na vida de crianças.

Fica aqui o convite para uma “longa conversa” — no caso deste livro, a leitura, indireta e a distância — que, no contexto das muitas situações vividas, das preocupações partilhadas, das descobertas feitas e dos caminhos encontrados, tende a se ampliar através das reflexões de cada um.

SILVIA M. GASPARIAN COLELLO

Aprendizagem antes da escola... Como assim?

Depoimentos de familiares do "Grupo de Debates Crianças na Escola... E Agora?"

Para explicar como foi o seu dia, Clara diz: "Eu dormi, depois eu acordei e depois eu brinquei". (Clotilde, mãe de Clara, de 2 anos e 4 meses)

Felipe conta à avó sua "descoberta importante": "Acho que o sol deve gostar de pega-pega, porque ele vem atrás de mim quando eu corro no quintal". (Adelina, avó de Felipe, de 3 anos e 8 meses)

Mariana pergunta ao seu pai: "Quem é mais velho, Deus, o Pão de Açúcar ou o vô João?" (Vânia, mãe de Mariana, de 5 anos e 1 mês)

"No esforço para escrever o nome dele, Roberto vai dizendo 'RO-BER-TO' e chega à conclusão de que o seu nome deve ter três letras, uma para cada sílaba." (Nelson, pai de Roberto, de 5 anos)

Contrariando a ideia de quem acredita que as crianças só aprendem no ambiente formal da escola, os episódios relata-